



Badaladas

JORNAL TRIMESTRAL DA CATEQUESE

Igreja da Santíssima Trindade | Diretor: Pe. Henrique Santos | Preço: 1,00 Badaladas

N.º 4T | Dezembro | 2015

Editorial

Olá a todos! O Badaladas é o vosso jornal da Catequese e surge da necessidade de dar a conhecer aos pais e a toda a comunidade paroquial, não só o que fazemos e aprendemos na catequese através dos nossos trabalhos, mas também o que vai acontecendo na nossa paróquia.

As badaladas, som produzido pela pancada do badalo no sino, exprimem uma informação ou representam um chamamento para algo que vai acontecer; podem, por exemplo, indicar as horas, o início da eucaristia, um casamento ou funeral. São um ícone da igreja e ressoam com uma simbologia muito própria – são uma das vozes da Igreja. A par desta simbologia existe a nossa vontade de também ser símbolo de uma catequese em crescimento, que se pretende que seja dinâmica, interativa e comprometida com a sua Igreja. Queremos ser uma voz ativa ao serviço da comunidade.

A elaboração do jornal da catequese vai favorecer a criatividade dos vários grupos, provocar participação e interesse; promover a sensibilização e espírito crítico perante as notícias, e incentivar a uma prática mais comprometida. Criando um jornal, por mais simples que ele seja, favorecemos a organização, a planificação, a reflexão. Possibilitamos, ainda, a entreaajuda, a responsabilidade, e o comprometimento com aquilo que se escreve.

Esta primeira edição será constituída por trabalhos dos alunos, dos Catequistas e até por passatempos e reflexões, além de uma entrevista ao nosso Pároco, Padre Henrique Santos.

A equipa da Catequese

Opinião

Ao longo dos anos a Catequese tem vindo a sofrer alterações!

O “Badaladas” vem ajudar ainda mais a inovar. Com a sua criação vamos poder ficar a conhecer quais são os objetivos e pensamentos das crianças e jovens que frequentam a catequese, quais os trabalhos que realizamos e as causas onde participamos ao longo do ano. Mais ainda, vamos poder alertar para todas as questões e problemas que consideramos importante realçar, problemas esses, que são partilhados por muitos mas discutidos e resolvidos por poucos.

A Catequese não é só a hora que gastamos do nosso tempo, mas uma lição de Fé, moral e de valores que nos enche a alma semanalmente.

O grupo do 9.º ano

“Nós somos as sementes da Fé. Contamos convosco para criarmos raízes na terra fértil. Sede sempre lavradores confiantes e nós daremos frutos.

Nós somos as ovelhas de Cristo. Contamos convosco para seguirmos e crescermos fortes atrás de Jesus. Guai-nos com responsabilidade e amor e nós encontraremos o Caminho.

*Mensagem do 6.º ano,
dirigida a toda a comunidade*

Nesta edição:

- Abertura da Catequese
- Passagem da Imagem Peregrina
- Festa do Acolhimento
- Entrevista ao nosso pároco em “Repórteres de palmo e meio”
- Grupo de Acólitos
- Grupo Coral da Catequese
- Tempo de Advento
- Dinâmicas de Advento
- Ano da Misericórdia
- A Luz da Paz de Belém
- Natal tempo de...

Imagem Peregrina

A Diocese da Guarda acolheu a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, proveniente da Diocese de Coimbra, de 27 de Setembro a 11 de Outubro, no âmbito da visita que envolveu todas as dioceses Portuguesas.

Na passagem pela Diocese, a Imagem Peregrina foi recebida na Guarda, na tarde do dia 27 de Setembro, onde ficou até ao dia seguinte, seguindo depois para os vários concelhos, chegando à Covilhã no dia 9 de outubro.

Com início a 13 de Maio, durante as celebrações da 98.ª peregrinação internacional que celebram mais um aniversário da primeira aparição, a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima está em peregrinação pelas dioceses portuguesas, até maio de 2016.



Abertura da Catequese

No dia 11 de outubro na nossa paróquia da Santíssima Trindade, na Eucaristia, vivemos a Festa da Catequese, abertura do ano catequético. À hora marcada abriram-se as portas da Igreja para o acolhimento das crianças, os seus Catequistas e pais. O nosso Pároco Padre Henrique Santos deu as boas vindas a todas as crianças e agradeceu aos nossos catequistas pelo facto de se disponibilizarem para virem ensinar e educar as nossas crianças na fé cristã. Bem haja a todos eles e que Deus os ajude e apoie na sua caminhada pastoral.

Simão Pereira, 8.º Ano

Nota Pastoral

A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) define esta peregrinação nacional como “um momento de missão evangelizadora” e apelam à mobilização das pessoas para o “acolhimento caloroso, marcado pela alegria de receber, na fé, o ícone da Mãe de Deus e Mãe dos Homens”.

De acordo com esta Nota Pastoral “Aproveitamos este momento de graça para convidar o Povo de Deus a entrar em profundidade na celebração da sua fé, particularmente por meio da participação na Eucaristia, da celebração do Sacramento da Penitência e da Unção dos Doentes; para incentivar à oração de adoração diante do Santíssimo Sacramento, tão característica da espiritualidade de Fátima; e para relançar o hábito da oração mariana do Rosário nas famílias cristãs, acompanhada pelas meditações bíblicas e pelo silêncio contemplativo”. Depois de passar pela Diocese da Guarda a Imagem Peregrina seguiu para a Diocese de Portalegre-Castelo Branco.

Branca Palinhas, Catequista

Festa do Acolhimento

Realizou-se no dia 15 de novembro a festa dos catequizandos do 1.º ano. A Festa do Acolhimento pretende torná-los conscientes da existência de uma comunidade muito maior que o grupo da catequese a que pertencem. Pretende também ser expressão de um ciclo que se renova, na preparação da próxima geração de cristão, reforçando o papel central da catequese neste processo.

Mas a renovação de gerações não é isenta de responsabilidades e apela e responsabiliza toda a comunidade (e não apenas o grupo de catequistas), que conjuntamente com os pais se comprometeram a apoiar ativamente, pelo seu exemplo, o crescimento da Fé destes nossos irmãos mais pequeninos.

Francisco Antunes, Catequista

1.º dia

O meu primeiro dia foi uma surpresa pois, logo nesse dia quando a minha catequista faltou, fiquei com os alunos de 10.º ano e a sorte foi que não estava sozinho porque estava um bocadinho envergonhado. Bem, durante a sessão não se falou muito, apenas da festa do crisma e da nossa festa do 8.º ano. O que não estava nos meus planos era participar no ofertório da missa. Fiquei um bocado atrapalhado pois, como sou um bocado distraído, já me acontecera que numa vez enquanto recolhia as ofertas “saltei” muitas pessoas e fiquei algo envergonhado. E então lá aconteceu. Fui para a bancada dos reservados ao pé dos alunos de 7.º ano e o ofertório até correu bem (para variar).

Concluindo, posso dizer que este primeiro dia foi... inesperado.

Simão Pereira, 8.º Ano

Em nome...

Em nome dos que choraram.

Em nome dos que sofrem.

Em nome dos que acendem na noite o facho da revolta.

E que de noite morrem com a esperança nos olhos e arames em volta...

Em nome dos que sonham com palavras de amor e de paz que nunca foram ditas...

Em nome dos que rezam em silêncio, falam em silêncio e estendem em silêncio as duas mãos aflitas...

Em nome dos que pedem em segredo a esmola, que os humilha e destrói, devoram as lágrimas e o medo quando a fome lhes dói...

Em nome dos que choram ao relento numa cama de chuva, com lençóis de vento, o sono da miséria terrível e profundo...

Filho de Deus, volta outra vez ao mundo!

O grupo do 3.º ano, deseja a todos, um SANTO NATAL E FELIZ ANO NOVO.



Repórteres de palmo e 1/2

Entrevista ao Pe. Henrique Santos

É padre há 20 anos. Quando é que soube que queria seguir esta vocação?

A vocação ao sacerdócio começou a ser construída na minha juventude. Recordo que tinha cerca dos meus quinze anos quando se começou a colocar essa questão. Por essa altura, senti que era um caminho a não colocar de lado porque era algo para o qual estava atraído. Sentia interiormente que Deus me falava ao coração e me lançava este desafio de o seguir no ministério sacerdotal. Depois de algum tempo achei que deveria aprofundar mais esta inquietação e, obviamente, o local indicado era o Seminário. Tinha dezasseis anos, ia fazer dezassete em 1 de Novembro, quando decidi entrar no Seminário da Guarda e continuar aí o 12.º ano de escolaridade. Entretanto, este tempo foi realmente um tempo de reflexão e de escuta atenta da vontade de Deus. Ao terminar o curso Filosófico/Teológico estive algum tempo em estágio e tive a certeza de que Deus queria que fosse esse o caminho a percorrer. Ordenei-me então diácono em Julho de 1995 e padre em 8 de Dezembro do mesmo ano.

Onde estudou?

Estudei na escola pública até ao 11º ano. Já no Seminário Maior da Guarda fiz o 12º ano e, posteriormente, o sexénio Filosófico/Teológico. Depois disso, na Universidade Pontifícia Comillas de Madrid, licenciiei-me em Estudos Eclesiásticos, fiz o biénio de especialidade em História da Igreja e fiquei licenciado em Teologia. Na mesma Universidade de Madrid doutorei-me em Teologia (especialidade de História da Igreja).



Pode dizer-nos o que entende por Comunidade?

A Comunidade ou Paróquia é uma porção da Igreja Particular ou Diocese onde se torna presente e se faz visível a Igreja Universal. As Dioceses, diz o Código de Direito Canónico, são Igrejas particulares nas quais e desde as quais existe a Igreja católica, una e única. A Diocese, unida ao seu pastor e congregada pelo Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitui uma Igreja particular, na qual verdadeiramente está presente e atua a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica. A paróquia, por sua vez, é parcela dessa Igreja diocesana e constitui Igreja particular, é comunidade de fiéis seguidores de Cristo, isto é, de discípulos, que procuram viver na fé e no amor. É, por isso, comunidade de fé, de liturgia e de caridade e sinal da presença de Deus no mundo, e constitui numa determinada zona humana a presença personificada da Igreja universal e diocesana. A comunidade paroquial, confiada a um pároco como pastor próprio, tem como funções ensinar (Palavra de Deus), santificar (Sacramentos) e reger. De uma forma simples para a catequese, a comunidade é uma parte dos amigos de Jesus que, pela ação do Espírito Santo, se reúne para formar Igreja e a tornar visível: escuta a Palavra de Deus como caminho de felicidade e de vida, celebra os Sacramentos e vive no amor e na caridade e, desta forma, procura comunicar esta alegria no meio onde está inserida (evangelizar).

Quem é que deve construir comunhão ?

Uma das características da Igreja é a unidade. A Igreja una tem a sua fonte e modelo de unidade no mistério de Deus uno e trino, isto é, um só Deus em três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cristo, o Verbo Incarnado fundou a Igreja num só corpo e num só povo, como nos diz o Concílio Vaticano II, e o Espí-



Entrevista ao Pe. Henrique Santos (continuação)

rito Santo, que habita nos crentes e enche e governa toda a Igreja, realiza esta admirável comunhão de fieis e une todos em Cristo. Portanto, o grande agente de unidade e comunhão é o próprio Deus. Porém, a Igreja é constituída por pessoas que vivem num determinado tempo e espaço e com diferentes culturas e vivências. Esta diversidade, que advém da multiplicidade de pessoas, mas também da variedade de dons de Deus, cargos, condições, tradições próprias das Igrejas particulares, como nos diz a *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II, não se opõe à unidade nem à comunhão eclesial, mas são constantemente uma ameaça. Porém, há vínculos visíveis de Comunhão que asseguram essa unidade, como recolhe o Catecismo da Igreja Católica: - a profissão de uma mesma fé recebida dos apóstolos; - a celebração do culto divino, sobretudo dos sacramentos; - a sucessão apostólica pelo sacramento da ordem, que conserva a concórdia fraterna da família de Deus. Portanto, a Igreja peregrina, tem como missão construir a unidade na diversidade e ser testemunha do amor de Deus no mundo. Portanto, cabe a todos os seus membros, independentemente do seu ministério, construir comunhão. Cada um, revestido da caridade, que é o vínculo da perfeição, como nos diz o Apóstolo, deve construir comunhão. Portanto, cada cristão, na sua diversidade (dons, idade, estado de vida, vivências pessoais...), deve construir a comunhão, trabalhando incansavelmente e numa atitude de serviço para o bem de todos. Claro que o que recebeu o Sacramento da Ordem, o Sacerdote, tem como preocupação especial garantir esta unidade e comunhão, dando exemplo de comunhão e serviço, aceitando e acolhendo todos como filhos de Deus e membros da comunidade e ensinando-os a trabalhar generosamente e com espírito de caridade e de amor para o crescimento de todos. Claro que sempre teremos de contar com a existência do pecado que é precisamente o atentado ao amor e à comunhão e sempre que isso acontece as comunidades não são testemunhas do amor de Deus e da vida nova em Cristo. Sempre que alguém se deixa dominar pelo egoísmo, acha-se superior, não aceita os dons dos outros, não partilha, critica... e transforma a comunidade numa espécie de empresa, atentando contra a essência da comunidade, a comunhão. Portanto, temos de aprender com Jesus a amar e a servir.

Como é que a unidade se reflete numa paróquia?

Digamo-lo de uma forma muito simples: o grande sinal de unidade numa comunidade é quando cada um aí pode sentir a presença de Deus, se sente bem, acolhido e amado. Das primeiras comunidades cristãs dizem as Escrituras que tinham um só coração e uma só alma. Portanto, quando me sinto amado pelas pessoas que pertencem a uma determinada comunidade cristã, independentemente das minhas fragilidades e dos meus pecados, é sinal que é uma comunidade que vive centrada no Senhor e que vive e imita o seu amor total e incondicional. Quando me identifico com uma comunidade, isto é, quando sinto interiormente que pertenço a uma comunidade concreta e aí me sinto preenchido interiormente, a comunidade está a cumprir a sua missão. Este é o grande sinal de uma comunidade adulta, onde todos, imitando Jesus no amor e serviço, contribuem para tornar a comunidade numa família, onde todos são bem vindos e têm o seu espaço. Por isso, sempre que os cristãos de uma determinada comunidade vivem na fé a presença de Deus nas suas vidas e na Comunidade, estão a construir a unidade: quando se reúnem para a oração, para a escuta da Palavra de Deus, para a celebração dos Sacramentos (especialmente a Eucaristia), e daí partem para a missão, no anúncio (especialmente na catequese), na caridade (especialmente para com os mais necessitados em todos os âmbitos) e na promoção da paz, da justiça, da verdade e do bem. Claro que estes grandes sinais só são possíveis quando formos capazes de destruir a rivalidade, a indiferença, a maledicência, a falta de espírito de serviço, a ausência de perdão, a falta de trabalho conjunto, a falta de humildade, a falta de partilha, numa palavra, a falta de amor.

Como se pode melhorar a participação dos leigos?

Penso que hoje a falta de participação dos leigos na vida das Comunidades já não tem a ver com a ideia de que a Igreja são os "padres". Julgo que a maioria dos cristãos já assimilou a doutrina que o Concílio Vaticano II veio recordar (que faz parte da natureza da mesma Igreja, mas que foi interrompida durante muitos séculos devido à visão piramidal da sociedade). A Igreja é o Corpo de Cristo que é a sua cabeça. Esta imagem do corpo para definir a Igreja, por parte do Apóstolo, manifesta a diversidade de dons e ministérios. Portanto, na Igreja existem diferentes ministérios, isto é, diferentes serviços, de acordo com os dons e o chamamento de Deus, e todos trabalham para o mesmo fim. Nesse sentido, para melhorar a participação laical é necessário, antes de mais, que cada um se mentalize que é Igreja, que é um membro da Igreja de Cristo e que sinta interiormente aquela expressão de São Paulo "Ai de mim se não evangelizar". Faz parte da natureza do Cristão ser missionário. Pelo Batismo o cristão torna-se discípulo e o discípulo é aquele que está com Cristo e que o anuncia em palavras e obras. Ser discípulo é tudo menos passividade. Um outro aspeto para melhorar a participação laical é aprofundar a relação com Deus por meio da vivência da fé e da formação. É imprescindível viver a relação com Deus para que a nossa vida se preencha d'Ele. Só quando o temos é que realmente o podemos comunicar: a vida sacramental, a escuta da Palavra e a Oração fazem-nos crescer nessa relação de amor com Deus e fazem-nos descobrir de que formas Deus nos pede que o sirvamos. Além disso, a formação e o aprofundamento teológico é realmente muito importante, já que há muito desconhecimento da Igreja: o que existe é um conhecimento demasiado popular, superficial e pouco profunda sobre a Igreja de Cristo. Por fim, sentir que há sempre alguma coisa que podemos fazer dentro e fora da Comunidade e para a qual Deus nos chama, leva-nos a viver mais comprometidos e a transformar a Comunidade e a Igreja. Temos de tornar as nossas comunidades mais vivas e não são apenas os outros que têm de o fazer, sou eu também. Por isso temos de vencer preconceitos, superar medos e receios de críticas e represálias e arranjar algum tempo para o serviço de Deus.



Pe. Henrique Santos

Como podemos ser discípulos hoje? O que nos assemelha e o que nos distingue dos primeiros discípulos como Pedro, André, Tiago e João?

Muito simples de dizer, difícil de realizar: hoje, como ontem, somos discípulos de Jesus Cristo, quando O amamos incondicionalmente acima de todas as coisas numa comunhão total de vida, o seguimos e o anunciamos. Portanto o discípulo vive, guarda e professa a fé, independentemente das dificuldades e dos desafios que o rodeiam. Hoje existem desafios diferentes daqueles que se colocavam aos nossos avós ou à Igreja de outras épocas ou de outros locais. Aqui existe muita indiferença e algum anticlericalismo bastante subtil (por vezes até de pessoas que dizem fazer parte da Igreja), noutros locais existem perseguições e extermínios, noutros muito entusiasmo e alegria pela presença do Evangelho e dos Sacramentos. Enfim, as dificuldades não são maiores ou menores, são diferentes, e é esse o desafio dos Cristãos de hoje: iluminar com o Evangelho as novas realidades que permanentemente se apresentam como desafios. Creio que esta é talvez a grande característica do apostolado de hoje: a atenção que devemos dispensar aos sinais dos tempos, para não cairmos na falsa questão de afirmar-mos coisas que a Bíblia não afirma e se criarem assim falsas questões de incompatibilidades. Há, no entanto, questões práticas da vida das pessoas que tornam mais difícil a vida da fé, mas também da família, das relações...: uma sociedade de consumo cada vez mais egoísta e cada vez menos humana, onde não há tempo, para si, para os outros, para Deus. Nisto radica, a meu ver, a principal diferença entre os discípulos daquele tempo e os de hoje: tempo, simplicidade, relações. Claro que estes homens conviveram diretamente com a figura de Jesus.

Há muitos jovens na Igreja? O que espera deles?

Infelizmente não tanto como todos gostaríamos. As Eucaristias Dominicais vão tendo bastante gente jovem, bastantes casais jovens. Mesmo durante a semana há alguns jovens que participam nas celebrações. Nos diferentes serviços vai existindo alguma gente jovem. Embora a catequese seja o grande espaço, a grande maioria espera para se Crismar e depois aparece esporadicamente. Não são muitos os que se comprometem nos serviços eclesiais. Sem dúvida que o escutismo católico é o maior movimento aglutinador de jovens e, nesse campo, faz um excelente e louvável trabalho. Claro que nós queríamos chegar a todos os jovens, mas não podemos esquecer que até as crianças estão completamente preenchidas de atividades escolares e extra-escolares e que existe, lamentavelmente, um real problema de tempo. Além disso, a ideia de que a vida eclesial é secundária, vai sendo transmitida por diferentes agentes. Esta é, sem dúvida, uma das principais preocupações, a vida interior destes jovens, agora e no futuro, mas também o presente e o futuro das nossas comunidades. No entanto, vivemos cheios de esperança porque Cristo é o nosso Pastor. A nós compete-nos fazer o que o Senhor nos pede, porque o resto é feito por Ele. Por isso, essas e outras preocupações entregamos nas suas mãos.

Que atividades nos sugere como contributo para a vida e a comunhão entre os cristãos?

Mais do que atividades, sugiro atitudes interiores. O maior contributo que podemos dar para a vida e a comunhão entre os cristãos é imitar Jesus que deu a sua vida por nós. Deus é amor, diz-nos São João: ser totalmente permeáveis ao amor de Deus leva-nos a possuir essa atitude fundamental por meio da qual damos o nosso contributo para a comunhão entre os cristãos, não apenas na Igreja católica, como também com as Igrejas cristãs separadas. Estamos a principiar o Jubileu Extraordinário da Misericórdia e devemos entendê-lo e vivê-lo como uma oportunidade na construção de vida e de comunhão com Deus e entre todos. É este Deus amor, misericórdia que devemos viver e deixar transparecer nas nossas vidas. Na catequese estamos a fazer uma pequena caminhada com algumas obras de misericórdia: partilhar com quem tem menos que nós. Isso aproxima-nos a todos e a Deus. Claro que há muitas atividades que podemos desenvolver pessoalmente e comunitariamente para promover a vida e a comunhão de cristãos. A mais importante de todas é o encontro para a Eucaristia: para ela nos devemos preparar pessoal e comunitariamente, porque ela é a participação na comunhão com Deus e com os irmãos. Pela Eucaristia, o Senhor vem ao encontro da comunidade que celebra, na mesa da Palavra e na mesa do Corpo e Sangue de Cristo. Também o Sacramento do Perdão nos purifica e nos aproxima da relação com Deus e com os outros; faz-nos, na humildade, perceber as nossas fragilidades e infidelidades. Aproximamo-nos como cristãos quando visitamos os doentes, os idosos, os que sofrem no corpo ou no espírito. Enfim, aproximamo-nos como cristãos quando nos aceitamos, nos compreendemos, nos perdoamos, nos ajudamos...

Quer deixar alguma mensagem, sobretudo para os paroquianos que o conhecem menos bem?

Quero! Que nos possamos conhecer melhor e assim todos nos tornemos mais ricos! Para que a Comunidade possa realmente ser Comunidade, as relações humanas, especialmente entre paroquianos e pároco, devem ser de proximidade e confiança. Peço, por isso que, se existe qualquer barreira que impeça esse conhecimento e essa aproximação, sejam outras pessoas, sejam preconceitos ou timidez..., seja destruída.

Bem haja!



Grupo Coral da Catequese



Igreja da Santíssima Trindade
Covilhã Portugal

“Cantar é rezar duas vezes” costuma dizer-se. Esta máxima torna-se concreta e bem presente em cada domingo ou sempre que celebramos o nosso encontro com Deus na Eucaristia. Cantar não é, nem pode ser apenas a animação da liturgia; cantar implica VIVER/SENTIR cada momento da nossa relação com o Pai que nos ama e se nos dá a cada instante. Por isso nos reunimos semanalmente (todas as sextas-feiras às 20h15), para preparar os cânticos que vão ajudar a comunidade da Santíssima Trindade a interiorizar mais a Palavra de Deus e a rezar com mais fervor. E porque esta relação com Deus e a eucaristia são ponto fundamental da Catequese, quisemos este ano avançar, também, com um grupo coral de crianças. Assim, no 4º domingo de cada mês, a eucaristia terá uma participação mais visível das nossas crianças e jovens da catequese. O desafio seguinte será a introdução de instrumentos. Por último, não gostaríamos de terminar sem convidar todos, dos mais aos menos novos, a integrar os nossos grupos corais.

Susel Fonseca, Coordenadora da Catequese



Representantes do Corpo Nacional de Escutas recebem a chama da Luz de Belém

A Luz da Paz de Belém

Desde 1989 que é eleita uma criança para transportar a Luz desde Belém até ao seu país. Esta criança, escolhida pela inocência e pureza que transmite, desloca-se até à gruta de Belém e recolhe a chama que será transportada até Viena, na Áustria, onde se realiza uma cerimónia de intenso simbolismo na qual a chama é partilhada com delegações de Escuteiros e Guias de vários países. É a esta grandiosa cerimónia que uma delegação portuguesa do Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português, se associou, transportando a luz até ao nosso país no dia 13 de dezembro e depois a 18 na Sé da Guarda. E de candeia em candeia esta chama que foi acesa em Belém, e que já percorreu um total de 5.600 km sem nunca se apagar, chegará finalmente à Igreja da Santíssima Trindade, na noite de Natal.

Agora é a nossa vez! É a nossa vez de aquecer os nossos corações com a Luz da Paz de Belém. Esta luz que é ao mesmo tempo tão frágil e tão poderosa. Frágil porque é apenas uma pequena chama numa vela. Poderosa pelo que representa e transmite ao coração de cada um de nós. Esta é uma Luz que viaja de mão em mão sem se apagar. Que se reforça em cada partilha. Que vive a Paz, comunga a Paz, soleniza a Paz, partilha a Paz e transmite a Paz em a cada um de nós, porque vem de Jesus Cristo, o Príncipe da Paz. Assumimos, cada um de nós, o papel de mensageiros da paz através desta chama que vem desde Belém.

Isabel Ferreira, Catequista

A lenda de S. Nicolau

Nicolau, filho de cristãos abastados, nasceu na segunda metade do século III, em Patara (Turquia), uma cidade portuária muito movimentada.

Conta-se que foi desde muito cedo que Nicolau se mostrou generoso. Uma das histórias mais conhecidas relata a de um comerciante falido que tinha três filhas e que, perante a sua precária situação, não tendo dote para casar bem as suas filhas, estava tentado a prostituí-las. Quando Nicolau soube disso, passou junto da casa do comerciante e atirou um saco de ouro e prata pela janela aberta, que caiu junto da lareira, perto de umas meias que estavam a secar. Assim, o comerciante pôde preparar o enxoval da filha mais velha e casá-la. Nicolau fez o mesmo para as outras duas filhas do comerciante, assim que estas atingiram a maturidade.

Quando os pais de Nicolau morreram, o tio aconselhou-o a viajar até à Terra Santa. Durante a viagem, deu-se uma violenta tempestade que acalmou rapidamente assim que Nicolau começou a rezar (foi por isso que se tornou também o padroeiro dos marinheiros e dos mercadores). Ao voltar de viagem, decidiu ir morar para Myra (sudoeste da Ásia menor), doando todos os seus bens e vivendo na pobreza.

Quando o bispo de Myra, da altura, morreu, os anciãos da cidade não sabiam quem nomear para bispo, colocando a decisão na vontade de Deus. Na noite seguinte, o ancião mais velho sonhou com Deus que lhe disse que o primeiro homem a entrar na igreja no dia seguinte, seria o novo bispo de Myra.



➤ Nicolau costumava levantar-se cedo para ir lá rezar, e foi assim que, sendo o primeiro homem a entrar na igreja naquele dia, se tornou bispo de Myra.

S. Nicolau faleceu a 6 de Dezembro de 342 (meados do século IV) e os seus restos mortais foram levados, em 1807, para a cidade de Bari, em Itália. É atualmente um dos santos mais populares entre os cristãos.

S. Nicolau tornou-se uma tradição em toda a Europa. É conhecido como figura lendária que distribui prendas na época do Natal. Originalmente, a festa de S. Nicolau era celebrada a 6 de Dezembro, com a entrega de presentes. Quando a tradição de S. Nicolau prevaleceu, apesar de ser retirada pela igreja católica do calendário oficial em 1969, ficou associado, pelos cristãos, ao dia de Natal (25 de Dezembro).

A imagem que temos, hoje em dia, do Pai Natal teve origem num poema de Clement Clark More, um ministro episcopal, intitulado de "Um relato da visita de S. Nicolau", que este escreveu para as suas filhas. Este poema foi publicado por uma senhora chamada Harriet Butler, que tomou conhecimento do poema através dos filhos de More e o levou ao editor do Jornal Troy Sentinel, em Nova Iorque, publicando-o no Natal de 1823, sem fazer referência ao seu autor. Só em 1844 é que Clement Clark More reclamou a autoria desse poema.



Inês Ramos, 10.º Ano



Grupo de Acólitos, acompanhando a celebração da Eucaristia

Grupo de Acólitos

O acólito é o ministro litúrgico que serve o presidente da celebração e o altar e é da sua responsabilidade zelar pela dinâmica de uma celebração litúrgica de modo especial a Eucaristia, centro da vida cristã. O acólito deve viver intensamente a liturgia da Igreja em cada momento, tirando dela o máximo partido para a sua vida, sendo de salientar que a importância da sua função vai muito para além do que habitualmente a assembleia presencia. Embora a Eucaristia seja o centro do ministério do acólito, tudo o que a antecede e sucede envolve a colaboração do grupo de acólitos. É este o responsável pela preparação do espaço litúrgico em todas as suas vertentes, desde os vasos sagrados aos paramentos que o sacerdote vai usar e são responsáveis pela preparação da sacristia, lugar onde a celebração se inicia e termina. O acólito deve também ter um papel importante no acolhimento da comunidade aquando das celebrações, estando atento às necessidades dos fiéis. Deve também colaborar no serviço da caridade, mostrando-se disponível para ajudar os que mais sofrem dentro e fora da comunidade.

No que diz respeito à nossa comunidade é com alegria que felicito o grupo de acólitos, do qual faço parte, pelo bom trabalho que têm desempenhado e por estarem sempre dispostos a colaborar, investir na sua formação e aprofundar a sua fé através da oração.

Foram várias as atividades desenvolvidas pelo grupo de acólitos da Igreja da Santíssima Trindade, além das habituais celebrações da Eucaristia, mas saliento a Vigília comemorativa do VI Aniversário desta Igreja, preparação da Eucaristia de encerramento da visita da Imagem Peregrina de N.ª Sr.ª de Fátima ao arcepresbiterado da Covilhã, o acompanhamento de um ministro Extraordinário da comunhão a casa de um doente, a Vigília de oração pelas vocações, a preparação da festa do XX aniversário sacerdotal do nosso Pároco Pe. Henrique Santos, entre outras.

Sinto que o grupo tem crescido em todos os sentidos, o que, para mim tem sido uma grande alegria e incentivo para novas atividades. Tenho a certeza que o ano da Misericórdia será uma bela oportunidade para fortalecermos mais o grupo, quer com a entrada de novos membros, quer com a aposta na formação.

Tiago Fonseca, Acólito



Natal de Jesus ou Natal do Pai Natal?

Afinal o que é isto do Natal?

Já vai longe o tempo em que no Natal era simplesmente a comemoração do Nascimento de Jesus...

O 25 de dezembro

No tempo do Imperador Constantino (272 dC - 337 dC), o Cristianismo era uma religião em ascensão e a única solução para evitar a divisão do império foi implementar o Cristianismo como religião deste. Para tornar o Cristianismo uma religião ainda mais forte, Constantino declara que deveria haver a comemoração do Nascimento de Jesus. Todavia, naquela altura, não haviam quaisquer documentos que provassem o dia do seu Nascimento. Neste contexto, o imperador decidiu que o dia 25 de dezembro, na época conhecido como o dia do sol, seria a data indicada para festejar a chegada do Salvador da Humanidade.

Nos dias de hoje, no Natal, continua-se a celebrar o nascimento de Jesus, contudo, o Pai Natal fez com que Cristo seja um pouco esquecido. A propósito do velho das barbas brancas, há alguma ironia no seu próprio nome. O lexema "Natal" tem origem latina e remete para a ideia de "Nascimento". Ou seja, quando se diz "Pai Natal" estaríamos a falar do Pai do Nascimento?!...

Faz sentido alterar/deturpar o sentido original da época natalícia? E se Jesus não tivesse nascido? – Reflitamos sobre esse assunto.

Tentemos neste Natal não nos deixarmos influenciar pelo consumismo fácil, incentivada pelas montanhas de publicidades apelativas. Tentemos, sobretudo, ter um gesto de humildade como o de Jesus. Poderia ter nascido no mais luxuoso berço de ouro, mas preferiu uma manjedoura. Sim... um local onde os animais costumam alimentar-se. Alimentemo-nos um pouco com a simplicidade dessa escolha de Jesus.

Bernardo Ferreira, 7.º ano

Natal

O Natal está a chegar
O Natal está a chegar
E a casa vamos enfeitar.
O Natal não é só
Os presentes desembulhar.
Com a família nos vamos reunir
Para conviver e nos divertir.
O Natal é uma festa especial
Porque o nascimento de Jesus vamos festejar.
E é no dia 25 de dezembro que Ele nos vem visitar

Laura Baltazar, 5.º Ano



As três árvores

Conta a história que na noite de Natal, junto ao presépio, se encontravam três árvores: uma tamareira, uma oliveira e um pinheiro.

As três árvores ao verem Jesus nascer, quiseram oferecer-lhe um presente. A oliveira foi a primeira a oferecer, dando ao menino Jesus as suas azeitonas. A tamareira, logo a seguir, ofereceu-lhe as suas doces tâmaras. Mas o pinheiro como não tinha nada para oferecer, ficou muito infeliz.

As estrelas do céu, vendo a tristeza do pinheiro, que nada tinha para dar ao menino Jesus, decidiram descer e pousar sobre os seus galhos, iluminando e adornando o pinheiro que assim se ofereceu ao menino Jesus.

Inês Ramos, 10.º ano

Tempo de Advento

O Advento é uma celebração festiva do mistério da Encarnação e exige um tempo de preparação, que nos disponha a vivê-lo convenientemente.

A Coroa de Advento que é apresentada na Igreja, tem a sua origem na Europa. No inverno os habitantes acendiam algumas velas que representavam a luz do Sol dado que tinham esperança de que a luz e o calor do astro-rei voltaria a brilhar sobre eles e aquecê-los. Com o desejo de evangelizar aquelas almas, os primeiros missionários católicos que lá chegaram quiseram, a partir dos costumes dos da terra, ensinar-lhes a Fé e conduzi-los para Jesus Cristo. Foi assim que, criaram a "coroa do advento", carregada de símbolos, ensinamentos e lições de vida.

O Advento tem quatro semanas, que começam no Domingo mais próximo do dia 30 de Novembro e se prolongam até ao Natal, pelo que cada vela colocada na coroa simboliza uma dessas quatro semanas. No início a Coroa está sem luz, sem brilho, sem vida: ela lembra a experiência de escuridão do pecado.

À medida em que nos aproximamos do Natal, a cada semana do Advento, uma nova vela vai sendo acesa, representando a aproximação da chegada até nós Daquele que é a Luz do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é quem dissipa toda escuridão, é quem traz aos nossos corações a reconciliação tão esperada entre nós e Deus e, por amor a Ele, a "paz na Terra entre os homens de boa vontade".

Adriana Santos, Catequista

Dinâmicas de Advento

Este ano desenvolveram-se três dinâmicas de Advento que têm por base a solidariedade para com três instituições: Projeto Querer e Fazer em S. Tomé e Príncipe, Casa Jesus Maria e José no Dominguiso e a Conferência de S. Vicente de Paulo na Covilhã.

O projeto "Querer e Fazer" promove a ida de alunos de Medicina a São Tomé Príncipe, onde contactam com uma realidade bastante diferente da portuguesa e adquirem uma experiência que vai além do que aprendem nas salas da universidade. Este Projeto, não tem finalidades lucrativas e pretende manter em São Tomé e Príncipe grupos de estudantes voluntários capazes de dar, não só continuidade ao projeto em si, como avançar com novas ideias. Tendo sempre como finalidade última melhorar a saúde das populações santomenses. A nossa dinâmica consistiu nos donativos de medicamentos e roupas de crianças.



O Centro Social Jesus Maria José é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) e tem como meio de sobrevivência a participação dos pais de acordo com os seus rendimentos e com a comparticipação por criança, a partir do Ministério da Segurança Social. O Centro Social Jesus Maria José, com a sua Sede em Viseu, estende a sua ação educativa no Dominguiso - Covilhã. Esta instituição tem como destinatários: Creche com a idade de 4 meses aos 2 anos; Componente Social - Prolongamento da Pré-Primária e ATL - Atividades dos Tempos Livres. Os seus objetivos são: proporcionar o atendimento individualizado da criança num clima de segurança afetiva e física que contribua para o seu desenvolvimento global; colaborar estreitamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo de cada criança; e colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, encaminhando adequadamente as situações detetadas. Para esta instituição houve o donativo de roupas de criança e brinquedos.



A última instituição é a Conferência de S. Vicente de Paulo, um movimento católico de leigos que se dedica, sob o influxo da justiça e da caridade, à realização de iniciativas destinadas a aliviar o sofrimento do próximo, em particular dos social e economicamente mais desfavorecidos, mediante o trabalho coordenado de seus membros. A sua ação humanitária soma muitas horas de voluntariado, onde os voluntários desenvolvem a sua ação na assistência à doença, problemas familiares e sociais, carências económicas, solidão dos idosos, desamparo das crianças, álcool e droga, marginalidade e desajustamento social, apoio a busca de colocações no trabalho, pagamento de rendas, água, luz, gás, material escolar, medicamentos, géneros alimentícios, peças de roupa, e material diverso, num vasto leque da sua presença de solidariedade humana.



Para esta instituição foram doados alimentos, roupas, cobertores e brinquedos.

Isabel Ferreira, Catequista



Passatempos

1- APÓSTOLO E EVANGELIZADOR

2- MESMO QUE OUVIR

3- AQUELE QUE SABE

4- É O NOSSO CRIADOR

5- UNIÃO ENTRE UM HOMEM E
UMA MULHER

6- BATE EM NOSSO PEITO

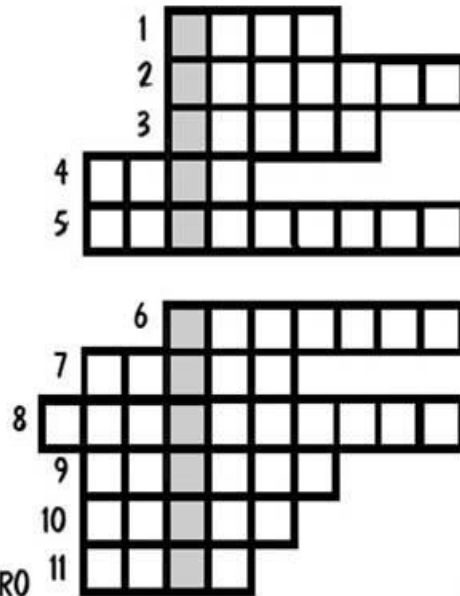
7- MÃE DE JESUS

8- CONTRÁRIO DE TRISTEZA

9- O PAPA É NOSSO ...

10- COMEMORAMOS EM DEZEMBRO

11- CONTRÁRIO DE ÓDIO

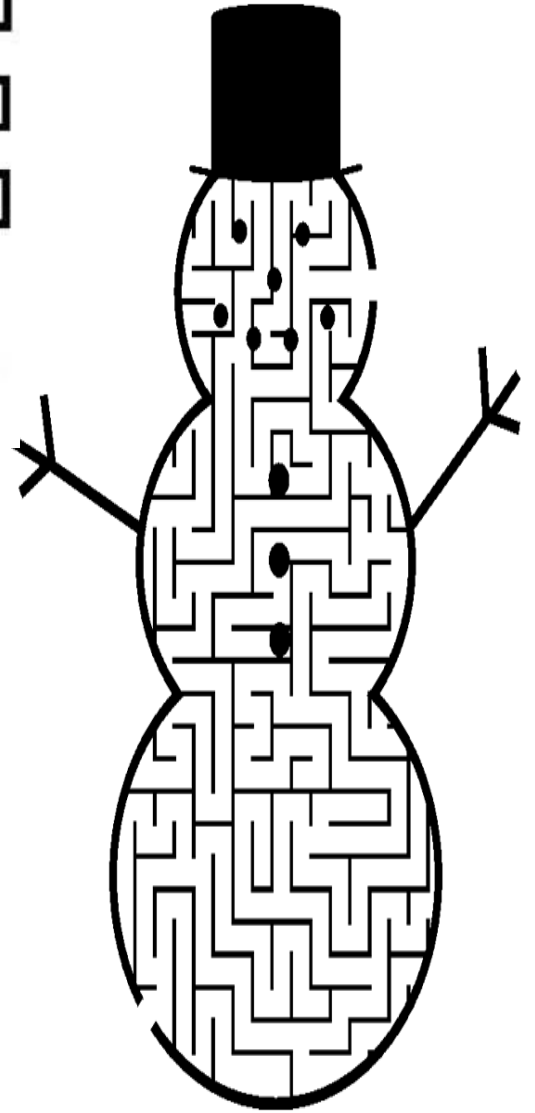


Procure no quadro abaixo as seguintes palavras:

- JESUS
- MULTIDÃO
- DISCÍPULOS
- ANDRÉ
- PÃO
- PEIXE
- BONDADE
- REPARTIR
- RAPAZ
- SEMELHANTE



U	D	R	A	P	A	Z	N	D	U	O	I
O	I	L	N	I	S	A	M	A	D	T	R
U	S	Z	D	M	N	H	P	E	I	X	E
R	C	D	R	D	U	I	N	L	É	S	P
H	Í	A	É	B	J	L	Z	D	R	N	A
É	P	L	S	D	O	E	T	B	A	I	R
S	U	Z	S	B	S	N	S	I	Ã	A	T
O	L	P	H	D	I	T	D	U	D	O	I
U	O	S	P	Ã	O	P	T	A	S	Ã	R
P	S	H	S	B	D	T	I	O	D	U	O
S	E	M	E	L	H	A	N	T	E	E	C





Pequenos e grandes artistas

Aqui fica uma amostra de alguns trabalhos desenvolvidos para a Catequese

Acrósticos de Natal

Natal é
Amor
Ternura
Alegria
Luz

Este Natal vai ser diferente,
Cada criança vai ter um presente.
Que não haja pobreza,
nesta época feliz
E que nenhuma criança
seja infeliz.
Meninas e meninos da
catequese sejam todos felizardos,
Nestes dias em que todos
deveriam ser amados.
Que em cada casa haja
felicidade,
Amor, carinho e muita
humildade.

*Francisco Ferreira,
5.º ano*

Neste Natal
Amar vou,
Trazer e também
Alegria
Logo de manhãzinha!

*Catarina Marques,
7.º Ano*

O natal é importante porque faz grande alegria nas casas.



Ana Margarida Nunes, 2.º ano

Com Jesus que nasceu logo veio a luz.



Diogo Lopes, 2.º ano



ANGELA

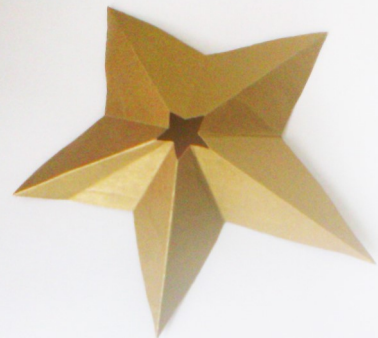
Ângela Antunes, 1.º ano



Maria Tavares, 2.º ano



Maria Beatriz Costa, 1.º ano



Carolina Figueiredo, 1.º ano



David Sereno, 1.º ano



David Sereno, 1.º ano

Ano Santo da Misericórdia

Este inesperado anúncio foi proclamado no final da sua homilia da celebração penitencial, sendo o tema “Misericórdia” o especialmente escolhido pelo Santo Padre, tomado da carta de São Paulo aos Efésios: “Deus rico em misericórdia” (Ef 2,4).

Este ano da Misericórdia será organizado e marcado pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. Já se definiu que as leituras para os domingos do tempo comum serão extraídas do Evangelho de Lucas, conhecido também por “o evangelista da misericórdia” (algumas das parábolas mais conhecidas escritas por ele são as da ovelha perdida, a da moeda perdida e a do pai misericordioso, que são os constituintes da imagem selecionada para simbolizar o Ano da Misericórdia). Ele terá início com a abertura da Porta Santa na Basílica de S. Pedro a 8 de dezembro de 2015, na Solenidade da Imaculada Conceição e será encerrado no dia 20 de novembro de 2016, na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

O Papa Francisco faz referência ao episódio da mulher pecadora que lava os pés de Jesus e os seca com os seus cabelos. Amor e juízo. São as palavras que ele tenta sobressair. “O amor da mulher pecadora e o amor de Jesus que permite que ela se aproxime e acolhe-a demonstrando-lhe o amor de Deus num encontro que vai para além da justiça e para além do juízo. O juízo de Simão, o fariseu que convidou Jesus para jantar e não consegue reconhecer quem é o seu convidado. Não consegue também encontrar o caminho do amor. No seu pensamento existe só a justiça e fazendo assim, está errado” – afirmou o Papa Francisco que deixou nítido que ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus.

Antigamente, para os hebreus, o Jubileu era um ano declarado santo, que acontecia a cada 50 anos, e durante o qual deveria fazer-se a restituição por igual a todos os filhos de Israel, oferecendo novas possibilidades às famílias que tinham perdido as suas propriedades e até mesmo a liberdade pessoal.

A Igreja Católica começou a tradição do Ano Santo com o Papa Bonifácio VIII em 1300. O pontífice previu a realização de um jubileu casa século. Desde 1475 - para permitir que cada geração vivesse pelo menos um Ano Santo – o jubileu ordinário começou a ser entre 25 anos.

Nos dias de hoje tem-se dado ao Jubileu hebraico um significado mais espiritual: consiste num perdão geral, uma indulgência aberta a todos, e na possibilidade de renovar a relação com Deus e com o próximo. Dessa forma, o Ano Santo é sempre uma oportunidade para aprofundar a fé e viver com um compromisso renovado, o testemunho cristão.

Anselmo Falorca, 10.º Ano



“Decidi convocar um Jubileu Extraordinário que tenha o seu centro na Misericórdia de Deus. Será um Ano Santo da Misericórdia. (...) Este Ano Santo iniciar-se-á na próxima Solenidade da Imaculada Conceição e concluir-se-á a 20 de novembro de 2016.”

**Papa Francisco, 13 de março,
Basílica de S. Pedro**

Contacte-nos

Para obter mais informações sobre as atividades da nossa Paróquia pode utilizar:

**Igreja da
Santíssima Trindade**
R. Conde da Ericeira,
6200-086 Covilhã

(+351) 275 098 215

ig.sant.trindade@gmail.com

Ou pessoalmente na
Secretaria da Igreja

Agradecemos às seguintes entidades a sua ajuda nesta edição:



panóplia do petisco
BISTRO BAR RESTAURANTE